

O gênero binário como semblante de relação sexual: entre psicanálise lacaniana e teoria *queer*

Vinícius Moreira Lima¹

Resumo

Neste trabalho, inspirados pelas produções de Foucault e Butler, tentamos pensar algumas das questões de gênero a partir de um debate original com formulações encontradas na obra de Jacques Lacan. Buscamos extrapolar o uso clínico de conceitos psicanalíticos, utilizando-os para compreender as formas ocidentais modernas de subjetivação e dando centralidade ao problema da identidade binária de gênero. Para tanto, levantamos aqui três hipóteses principais: (1) as normas de gênero fornecem uma resposta postíca ao *Che vuoi?*; (2) o gênero binário faz semblante de relação sexual; e (3) o gênero, articulado como semblante, dá a aparência de um saber sobre o sexo. Nessa perspectiva, acreditamos ser possível lançar certa luz sobre o funcionamento das normas e dos arranjos de poder a partir de instrumentos conceituais psicanalíticos, numa interface entre psicanálise lacaniana e teoria *queer*.

Palavras-chave: gênero; relação sexual; gozo; poder; performatividade.

Binary gender as a semblance of the sexual relationship: between Lacanian psychoanalysis and queer theory

Abstract

In this work, inspired by the productions of Foucault and Butler, we tried to think about gender trouble in a dialogue with formulations found in Lacanian psychoanalysis. We sought to extrapolate the clinical use of psychoanalytical concepts, using them to comprehend modern Occidental processes of subjectivation by giving centrality to the problem of binary gender identities. Thence, we have raised three main hypotheses: (1) gender norms provide a false answer to *Che vuoi?*; (2) binary gender makes semblance of the sexual relation; and (3) gender, articulated as semblance, gives the appearance of a knowledge about sex. In this perspective, we believe it was possible to throw some light over the functioning of norms and power arrangements with psychoanalytic instruments, in an interface between Lacanian psychoanalysis and queer theory.

Keywords: gender; sexual relation; enjoyment; power; performativity.

Introdução

Neste trabalho, tencionamos pensar algumas das questões do gênero e seus limites a partir de um diálogo entre a teoria *queer* e certas formulações encontradas na obra lacaniana, no intuito de extrapolar o uso clínico de conceitos psicanalíticos, utilizando-os para compreender as formas ocidentais de subjetivação que produzem as identidades binárias de gênero (doravante resumidas pelo termo “gênero”). Para tanto, faremos uma leitura de Lacan inspirada pelas produções de Judith Butler (1990/2015), que lê a psicanálise através de lentes foucaultianas e Foucault através de lentes psicanalíticas (Salih, 2002).

Dessa maneira, seguiremos na esteira do método de leitura que Butler empreende em relação à psicanálise, uma vez que, para a filósofa, a teoria psicanalítica não é algo em que ela “mergulhe” (Knudsen, 2010, p. 166), mas, sim, algo de que ela se serve como uma ferramenta, no intuito de arranjar “um encontro ou alguma espécie de reunião entre psicanálise e movimentos sociais mais amplos, políticas culturais e questões relativas a gays, lésbicas, bi, trans, intersexo” (p. 167). Assim, trata-se de articular as extrações clínicas da psicanálise com certos aspectos das normas

de gênero que circulam no campo da cultura.

Nossa proposta é de prosseguir nesse caminho, costurando alguns pontos de debate entre a psicanálise e as normas sociais, mas procurando abordar elementos da teoria psicanalítica que a filósofa norte-americana não enfatiza em seu projeto, o qual, em se tratando dos trabalhos de Jacques Lacan, acaba por se restringir às produções lacanianas da década de 50. Ainda assim, bem como os anos 50, os encaminhamentos de Lacan ao longo dos anos 60 e 70 parecem-nos conter elaborações bastante ricas para um debate com as perspectivas *queer*, como a inexistência da relação sexual, o objeto *a*, o gozo e o semblante.

Esses pontos apresentam um potencial teórico significativo, mas relativamente inexplorado por Butler, como vem sendo apontado por diversos leitores da psicanálise lacaniana, a exemplo de Jesús Santiago (2017), segundo o qual a filósofa desconsidera o real do sexo em seus trabalhos. Tais leituras têm apontado com precisão o fato de que Butler não se debruça suficientemente sobre a noção de real em Lacan; no entanto, elas não se dedicam a articular a interface da psicanálise com a teoria *queer*. Trata-se, aqui, portanto, da

aposta de que as ferramentas conceituais da psicanálise podem nos ajudar a localizar as dinâmicas de funcionamento da hegemonia heterossexual, bem como seu próprio fracasso estrutural, também notado pela filósofa à sua maneira.

Mesmo que os dois campos aqui abordados não sejam perfeitamente compatíveis entre si, podemos tensionar suas perspectivas, a fim de alcançar um debate crítico e produtivo. A partir de uma espécie de negociação entre Lacan, Foucault e Butler, sustentaremos, em nossa leitura, três hipóteses principais articuláveis entre si: (1) as normas de gênero fornecem uma resposta postíça ao *Che vuoi?*; (2) o gênero binário faz semblante de relação sexual; e (3) o gênero, articulado como semblante, dá a aparência de um saber sobre o sexo. Dessa maneira, acreditamos que o encontro entre a psicanálise e os *queer studies* pode ajudar a lançar alguma luz sobre os processos de subjetivação cujos efeitos são sujeitos generificados.

As normas de gênero fornecem uma resposta postíça ao *Che vuoi?*

Em Lacan (1962-63/2005a), encontramos uma teoria da subjetividade que defende a inadequação de qualquer objeto empírico ao desejo. Dessa maneira, qualquer objeto que for posto na mira do

desejo não passará, afinal, de uma miragem, uma vez que nunca haverá complementaridade ou adequação natural entre o desejo e qualquer objeto definível: “quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele” (Lacan, 1962-63/2005a, p. 51). Essa opacidade é fundada pelo enigma do desejo do Outro: o que o Outro quer de mim? O que sou perante o olhar do Outro? É nesse sentido que Lacan (1962-63/2005a, p. 14) traz a interrogação do *Che vuoi?*: “*Que queres?*”, “*Que quer ele de mim?*”, “*Que quer ele comigo?*”, “*Que quer ele a respeito deste lugar do eu?*”.

Essa interrogação, que não encontra nenhuma resposta pronta ou garantida, exige do sujeito a construção do seu fantasma, pela articulação com o objeto *a*. Longe de delimitar o desenvolvimento do sujeito até uma maturidade genital adulta, o objeto *a* apresenta uma “constituição circular” (Lacan, 1962-63/2005a, p. 320), que orbita em torno das regiões corporais em que se condensa o gozo do sujeito com os cuidados do Outro. Assim, o objeto *a*, causa do desejo, é construído em torno do íntimo, das zonas erógenas, que se tornam portadoras da estranheza do gozo, a partir da intervenção de um Outro sobre o corpo da criança. Dessa forma, o Outro, que constituía o que há de mais familiar para o

sujeito, transforma o corpo do *infans* em algo de estranho, opaco, desarmônico. Um corpo que goza, uma vez marcado pelo significante.

Se não há um *telos* para o desejo, se não há maturidade adulta ou instinto genital, o resultado dessa operação de Lacan é o que Tim Dean (2000, p. 216) nomeou como uma des-heterossexualização do desejo. Se o objeto *a* se articula (não a objetos totais que assumem a forma completa de uma pessoa, mas) a pedaços do corpo radicalmente estranhos às determinações normativas de gênero, trata-se de uma concepção que ultrapassa o enquadramento das normas que buscam fixar o desejo às pessoas do sexo/gênero “oposto”. Lacan (1960/1998) ainda nos entrega um refinado catálogo de objetos que podem se ligar à satisfação pulsional: “lábios, ‘cerca dos dentes’, borda do ânus, sulco peniano, vagina, fenda palpebral e até o pavilhão da orelha”, juntamente com “mamilo, cíbalo, falo (objeto imaginário), fluxo urinário”, “o fonema, o olhar, a voz – o nada” (p. 832).

Com isso, o gesto de Lacan desnortatiza o campo do desejo, uma vez que, por assim dizer, o objeto *a* não tem rosto, ele não está subsumido à determinação completa de um gênero ou de uma pessoa. Mas, dada a estranheza que

concerne à esfera do desejo, a dimensão da angústia estará sempre em jogo na relação do sujeito ao Outro. Assim, na ausência de uma garantia que possa ser dada pelo Outro para o ser do sujeito [S(A)], recorrer às normas de gênero pode ser uma forma de não se haver com a estranheza íntima de seu gozo e de seu desejo. O recurso às normas pode revelar a função subjetiva de certas fantasias sociais típicas, as quais são convocadas para encobrir o desamparo do sujeito frente ao enigma do Outro, como “homem com homem vira lobisomem”, “mulher com mulher vira jacaré”, “homem macho gosta é de mulher” e “mulher nasceu para casar/ser mãe” (cf. Lima & Vorcaro, 2017, p. 483).

Dessa maneira, essas fantasias sociais, que colocam em segundo plano a singularidade do fantasma de cada um, permitem uma espécie de desimplicação subjetiva, ao se servirem de certos estereótipos de gênero com teor universalizante, que tentam prescindir da responsabilização de um sujeito para circularem no discurso. Partindo de Leguil (2016), podemos pensar que os clichês do gênero buscam apagar o *Che vuoi?*, o enigma do desejo e a estranheza do Outro, em proveito de roteiros pretensamente anônimos que se querem válidos para todos.

Entretanto, o desejo não tem garantias dadas pelo Outro; ele “agarra-se onde puder” (Lacan, 1962-63/2005a, p. 116). Nesse contexto, até certa medida, o gênero aparece como um suporte tranquilizador da angústia, ao buscar fixar identidades numa matriz binária de homens e mulheres. Essa matriz, na qual o desejo decorreria do gênero e o gênero decorreria do sexo, parece fornecer uma resposta postiça à questão do desejo do Outro, porque oferece a promessa de um arranjo já pronto para o sujeito que não quer saber da angústia. Tal ficção tenciona esconder a castração do Outro, dando-lhe uma aparência de consistência pela produção imaginária das identidades coerentes de “homem” e “mulher”. Isso é feito por meio dos processos de normalização e naturalização da heterossexualidade, a qual pretensamente se coloca, na cultura ocidental, como tamponando a falta de garantias no campo do desejo e do gozo.

É nesse sentido que Butler (1990/2015) pensa o sistema da heterossexualidade compulsória como uma prática reguladora, que tem como efeito óptico a identidade de gênero, enquanto fundada por uma matriz heterossexualizadora do desejo, isto é, que confere ao desejo suas coordenadas, seu campo de possibilidades, orientada por uma divisão binária, macho e fêmea,

homem e mulher, masculino e feminino. Nessa direção, o ideal da norma heterossexual na cultura busca ensinar ao sujeito *o que e como* desejar, sob a aparência de consistência no Outro. Esse suporte é o que identificamos como as marcas do gênero, pelo enquadramento imaginário que as normas oferecem para o ser do sujeito.

Para Butler (1990/2015), o gênero “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (p. 69). Assim, o gênero se torna “uma representação que constitui *performativamente* a aparência de sua própria fixidez interior” (p. 127). Trata-se aí do conceito de performatividade, que, em nossa releitura, constitui uma série de elementos do discurso (atos, gestos, estilizações corporais) que adquirem, pela sua repetição, um caráter de endereçamento ao Outro, entendido como lugar da fala. Portanto, o gênero parece se apresentar como uma *performance* endereçada ao Outro, na medida em que os sujeitos colocam em cena suas suposições acerca do que completaria o desejo do Outro no âmbito do ideal: a ostentação viril, a mascarada fálica.

Essa estrutura fica visível nos momentos de subversão ou quebra no funcionamento normativo, quando a angústia entra em jogo, momento que pode ser ilustrado pela imagem do louva-a-deus gigante criada por Lacan (1962-63/2005a, p. 353): há um Outro que se aproxima de mim, mas o que quer ele com isso? O Outro “*me diz isso, mas o que é ele quer?*” (Lacan, 1964/2008a, p. 209). Quando o gênero se desorganiza, ficamos diante de uma inquietante estranheza, anunciadora da angústia. Qual é a posição do sujeito perante o olhar enigmático do Outro, do qual emana um opaco desejo, mais além das normas de gênero?

Sustentamos que essa estranha experiência pode ser disparada por uma quebra da normatividade performativa tradicional, uma quebra que embaça o lugar do Outro, pondo à mostra sua inconsistência que permanecia velada. Isto é, quando a experiência não parece corresponder ao campo dos possíveis num enquadramento normativo do gênero, desencadeia-se a angústia de não saber o que virá a seguir. O gênero parece tentar fornecer coordenadas imaginárias que organizam a posição de um sujeito dentro da norma, mas essas referências não dizem o bastante frente ao desejo, sempre vagabundo, fugidio e rebelde a respostas prontas.

O gênero binário faz semblante de relação sexual

O ensino de Lacan se pauta na centralidade do axioma de que “*não há relação sexual*” (Lacan, 1971-72/2012, p. 13). Tomaremos aqui a inexistência dessa relação como correlata ao fato de não haver, para o ser falante, um saber no real sobre o sexo, de forma que a anatomia nada garante para os encontros amorosos do ser falante. A esse respeito, Stevens afirma:

Há, para os animais, [...] o instinto como saber inscrito, para cada um deles, no real. Quando se encontra com outro sexo, não falta saber ao animal. Ele sabe como a coisa funciona. Ele não tem questão. Existe um saber instintual sobre a copulação. É isso que falta no homem. Não há saber no real para o ser falante (Stevens, 2004, p. 35).

Essa leitura encontra ecos por toda a obra lacaniana, como encontramos no Seminário 20: “o homem – quero dizer, aquele que se vê macho sem saber o que fazer disto, no que sendo ser falante” (Lacan, 1972-73/2008b, p. 78). Isso significa que “as vias do que se deve fazer como homem ou como mulher são inteiramente abandonadas ao drama, ao roteiro, que se coloca no campo do Outro”

(Lacan, 1964/2008a, p. 200), um Outro de quem o sujeito deve aprender o que fazer como ser sexuado. Dessa forma, a sexualidade fica em aberto, marcada como o campo da invenção de cada sujeito a partir do que lhe foi transmitido pelo Outro.

Na ausência de um saber harmônico no real sobre o sexo, o sujeito precisa dar a esse impossível sua própria resposta, partindo das marcas singulares deixadas pelo Outro. Mas, para contornar o embaraço dessa tarefa, há uma série de soluções veiculadas pela cultura. Sua via principal é a de reduzir a diferença sexual (que é uma diferença entre modos de gozo no discurso) a uma diferença binária de gêneros, justapostos à anatomia de forma normativa; nessa direção, a matriz heterossexual propõe a existência de dois sexos complementares (Butler, 1990/2015). Subvertendo essa matriz desde o lado de dentro, o que Lacan coloca é justamente que esses “dois sexos” não inscrevem relação. Não há proporção, razão ou complementaridade entre os sexos, na medida em que “o desejo de ser Um” conduz à impossibilidade de uma união, de uma conjunção entre os sexos, sejam eles quais forem (Lacan, 1972-73/2008b, p. 13).

Isso indica que o ser falante é marcado por um gozo solitário, pelo autismo da satisfação pulsional, articulada com o objeto *a* no circuito fantasmático, que não se amarra verdadeiramente ao Outro. Pelo contrário, no momento do encontro, o Outro não responde como parceiro; ele se ausenta, deixando o sujeito com sua solidão. Há algo do Um-sozinho que marca a experiência de gozo do ser falante, vedando toda realização sexual, seja ela hetero ou homossexual, cis ou transgênero. A investigação desse ponto de impossibilidade demarcado pelo discurso lacaniano, a nosso ver, só pôde ser localizado a partir da subversão analítica da prática da confissão, que emergiu historicamente no Ocidente a partir do século XVII. Essa prática, derivada do “dispositivo de sexualidade” (Foucault, 1976/2015, p. 85) e construída em torno do mecanismo cristão da confissão, é algo que nos instiga a “falar do sexo”, a dedicar ao sexo “nossa atenção e preocupação”, a “acreditar na soberania de sua lei quando, de fato, somos atingidos pelos mecanismos de poder da sexualidade” (p. 173).

Tal herança se articula ao dever veiculado pela pastoral cristã: “a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra” (Foucault, 1976/2015, p. 23). Assim, o “que é próprio das sociedades modernas

não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como *o segredo*” (p. 39). Como consequência dessa incitação discursiva, no nível da cultura, passamos a procurar no sexo nossa verdade; o sexo tornou-se nosso princípio de inteligibilidade, “ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido” (p. 169).

Tendo isso em mente, a psicanálise não pode ser vista como uma entidade à parte dos jogos de poder que se desenrolaram ao longo da história. Pelo contrário: “Em sua emergência histórica, a psicanálise não pode se dissociar da generalização do dispositivo de sexualidade e dos mecanismos secundários de diferenciação que nele se produziram” (Foucault, 1976/2015, p. 141). Como consequência, por estar de algum modo inserida nessa rede confessional, a psicanálise também é herdeira desse conjunto de práticas que instala a sexualidade como enigma central para os sujeitos e os impele a falarem dela. No entanto, para Lacan (1974/2005b), “essa história de confissão é conversa para boi dormir”, pois o ofício do psicanalista é outro: em análise, “começa-se por explicar às pessoas que elas não estão ali para se confessar. É o começo da arte. Elas estão

ali para dizer – dizer qualquer coisa” (p. 64).

Numa crítica ao modelo da confissão, o dizer que interessa à psicanálise não é aquele que se restringe ao sentido oculto dos sintomas, mas, antes, aquele que esbarra nos limites do significante, pois o saber sempre fracassa em sua busca pela verdade. De modo que, por não ser possível passar tudo pela palavra, como queria a pastoral cristã, a verdade só “se verifica por se guardar de ir até à confissão”; ela se previne de ser toda, apresentando-se como um semi-dizer (Lacan, 1972-73/2008b, p. 100). Com isso, o que mostra a prática analítica, contrariamente à formulação foucaultiana, é que o sexual é precisamente sem sentido: “não que o sentido reflita o sexual, mas que ele aí o supre” (Lacan, 1973-74/2016, p. 255).

Dessa maneira, a falação desvairada sobre o sexual que proliferou no dispositivo de sexualidade (como mostrado por Foucault desde a confissão cristã até a figura do psiquiatra) tentou suprir, pelo saber, o sem sentido em que o sexo esbarra. Talvez, numa tentativa de escamotear essa dimensão, o dispositivo de sexualidade “opera primariamente investindo corpos com a categoria do sexo, isto é, fabricando corpos como os suportes

de um princípio de identidade” (Butler, 1996/2009, p. 98-99). Tal estratégia pode ser entendida como uma busca de dar sentido ao campo do sexual, ao atribuir uma identidade àquilo que se furta a toda apreensão completa pelo universo do saber.

Dessa forma, o edifício do saber médico sobre os corpos na modernidade acaba por desenhá-los a partir de uma anatomia normativa, pautada numa ciência da reprodução, que toma como ponto de partida o par heterossexual e sua relação genital como princípio regulador. Doravante, com o “escândalo histórico” do sexo postulado como fundamento identitário inequívoco, os corpos deveriam ser produzidos em sua coerência e unidade de macho ou de fêmea, partindo da anatomia que, supostamente, garantiria uma identidade. O sexo se torna, assim, condição de inteligibilidade para um sujeito (Butler, 1996/2009, p. 91).

Butler (1996/2009) conclui, então, que “a ciência da reprodução produz o ‘sexo’ inteligível pela imposição da heterossexualidade compulsória na descrição dos corpos” (p. 99), de modo que o sexo “é produzido de acordo com uma morfologia heterossexual” (p. 99). Desenhado para regular e assegurar a reprodução da vida, a “heterossexualização

do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea” (Butler, 1990/2015, p. 44).

Seguindo nessa esteira, essa matriz heterossexual cria uma oposição binária entre sexos, ficcionando a unidade e a coerência dos gêneros a partir de uma heterossexualidade oposicional, derivada de relações de poder historicamente consolidadas no Ocidente. Por causa disso, alguém “não apenas é o seu sexo, mas alguém tem sexo, e, tendo-o, deve mostrar o sexo que ‘é” (Butler, 1996/2009, p. 91). Assim, a repetição performativa de um gênero binário produz, retroativamente, uma aparência de naturalidade à existência de dois sexos. Sustentamos aqui que essa construção binária de gêneros possibilita a veiculação da crença de que a relação sexual se daria entre macho e fêmea, isto é, que haveria complementaridade numa relação heterossexual. No entanto, segundo Lacan,

O que, com efeito, constitui o fundo da vida, é que, para tudo que diz respeito à relação entre os homens e as mulheres, [...] a coisa não vai. A coisa não vai, e todo mundo fala disto, e uma grande parte da nossa

atividade se passa a dizer isto (Lacan, 1972-73/2008b, p. 38).

Com isso, Lacan sustenta que o princípio regulador do dispositivo de sexualidade, que depreendemos como “há relação (heteros)sexual”, esbarra num fracasso, num fiasco, num impossível. Mas “essa relação sexual, na medida em que a coisa não vai, ela vai assim mesmo – graças a um certo número de convenções, de interdições, de inibições, que são efeitos da linguagem e só se devem tomar como deste estofa e deste registro” (Lacan, 1972-73/2008b, p. 38). Assim, uma vez que a relação entre os sexos no ser falante não se dá, “é somente a partir daí que se pode enunciar o que vem, a essa relação, em suplência” (p. 72). Nossa hipótese é, portanto, a de que os gêneros fazem suplência à inexistência da relação sexual, ao produzirem, performativamente, a aparência de um encontro complementar, natural, pretensamente garantido pelo Outro: aquele que faria existir a relação entre o homem e a mulher.

O regime da hegemonia heterossexual, ao construir suas normatividades, busca erigir um Outro com aparência de consistência, para escamotear sua verdade contingente, naturalizando o dispositivo moderno de sexualidade. Mas, se não há garantia para o

desejo [S(A)], podemos assegurar que também não há garantia para o gênero. É assim que, com a produção de uma matriz complementar – macho-fêmea, homem-mulher, masculino-feminino – que regula as identidades inteligíveis, o gênero binário faz semblante de relação sexual, numa tentativa de escamotear sua impossibilidade estrutural.

Uma vez que a relação sexual é impossível, trata-se de produzir uma série de artifícios que disfarçam essa impossibilidade, dando a ver ao Outro uma aparência de complementaridade, de um bom encontro que seria natural e necessário. No entanto, no momento da conjunção sexual, o gênero é convocado a um ponto que ele não mais tampona, de modo que aí encontramos não a harmonia de uma relação, mas, antes, um modo de gozo autístico que aponta para a repetição do Um-sozinho. Nesse ponto, a norma não nos oferece nenhuma garantia; no real, a norma não mais legisla. Lá onde esperaríamos a ficcionada complementaridade entre os sexos, só encontramos um furo: o impossível da não-relação. Assim, no buraco da relação sexual, emerge a estranheza do gozo de cada um.

O gênero, articulado como semblante, dá a aparência de um saber sobre o sexo

Em Butler (1990/2015), encontramos a ideia de que o caráter performativo do gênero é o que produz, retroativamente, a ilusão óptica de que há uma substância por trás das *performances* de gênero. Assim, a performatividade seria responsável pelos efeitos ontológicos que conferem a aparência de ser aos atributos do gênero. Na mesma esteira, deparamos, em Lacan (1971/2009), com a formulação da categoria do semblante, aquilo que faz crer “que há algo ali onde não há” (Miller, 1992/2011, p. 18, tradução nossa). Isso significa que é “em relação ao para-esser que devemos articular o que vem em suplência à relação sexual enquanto inexistente” (Lacan, 1972-73/2008b, p. 51). O gesto de Lacan mostra a equivalência entre o ser e o parecer, condensada no neologismo *parêtre*, que conjuga *paraître* (parecer) e *être* (ser) formando a noção do “paresser”, “parasser”, “para-esser”.

Dessa forma, com esse “para-esser” que vela um nada, enquanto nada-de-saber sobre o sexo, os sujeitos dão a ver ao Outro um semblante que gera uma aparência de ser, de substância, de identidade, ordenando o gozo falicamente. Uma vez que “não há identidade de gênero por trás

das expressões do gênero” (Butler, 1990/2015, p. 56), o sujeito precisa se virar fazendo semblante, contando com os efeitos performativos que lhe permitem suplenciar a ausência da relação sexual. Caldas (2013) aí nos orienta: “Os semblantes dos gêneros [...] visam dar ao campo do gozo algum sentido” (p. 5).

Nesse caso, podemos pensar que o gênero, articulado como semblante, dá a aparência de um saber sobre o sexo. Como Lacan coloca no Seminário 18, para um rapaz dito heterossexual, “na idade adulta, trata-se de parecer-homem [...]. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é” (Lacan, 1971/2009, p. 31). Trata-se de dar sinal de ser, no lugar de ser efetivamente; e assim adentrar a comédia do falo, na dinâmica de engodo dos jogos amorosos, em que cada um faz semblante de saber o que fazer com seu sexo e com um Outro. Assim, nesse “para-esser” que substitui o “ter”, o sujeito se aliena nos ideais fálicos do gênero, até esbarrar no limite do sexo, no ato da copulação, onde o semblante já não pode se sustentar frente à estranheza do gozo.

Se há uma falha de saber no real, Lacan (1962-63/2005a) acaba por tratar o “reino do homem” como sempre parasitado por uma forma de “impostura”, ao passo

que, no caso da mulher, seu correspondente seria o de uma “farsa” (p. 210). Isso significa que esse estranho “para-esser” constitui um engodo que vela o nada-de-saber por trás do semblante. Mas é suficiente denunciá-lo como engodo? Certo, o gênero não passa de semblante; mas ainda é preciso operar com ele, pois assumir uma posição sexuada não é apenas adequar-se a uma norma: “Ser um homem, ser uma mulher, não é nem apenas uma alienação à demanda social, nem somente parodiar as normas existentes” (Leguil, 2016, p. 30).

Antes, o semblante é a forma como o Outro nos apresenta sua versão de como fazer algo com o impossível do sexo. O homem, a mulher, “não são nada mais que significantes. É daí, do dizer enquanto encarnação distinta do sexo, que eles recebem sua função” (Lacan, 1972-73/2008b, p. 45). Enquanto significantes, isto é, semblantes, eles dependem de um Outro que os transmita, pois, no psiquismo, “não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea” (Lacan, 1964/2008a, p. 200). Na ausência de um saber no real, “a relação sexual fica entregue ao aleatório do campo do Outro. Fica entregue às explicações que se lhes deem” (p. 194); e uma dessas explicações é aquela que reduz a diferença sexual à

divisão binária dos gêneros, apoiada sobre a distinção anatômica entre os sexos.

É assim que a “pequena diferença” (Lacan, 1971-72/2012, p. 16) é empregada pelos adultos para tentar constituir um saber sobre o sexo, a fim de distinguir as crianças conferindo-lhes tratamentos generificados desde antes do nascimento. Numa direção similar, Butler (1990/2015) percebe que a “marca do gênero parece ‘qualificar’ os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida” (p. 193). E Lacan (1971-72/2012) ainda frisa que “*Nós* os distinguimos, não são *eles* que se distinguem” (p. 16), na medida em que essa diferença “já está presente para os pais há um bom tempo, e pode já ter surtido efeitos na maneira como foram tratados o rapazinho e a mocinha” (p. 16).

Mas, se “o sexo não define relação alguma no ser falante” (Lacan, 1971-72/2012, p. 13), então a diferença anatômica por ela mesma já não importa tanto, pois os meninos e as meninas “só se reconhecem como seres falantes ao rejeitarem essa distinção através de toda sorte de identificações” (p. 16), na medida em que a sexuação parte não tanto da biologia, mas, antes, da posição de gozo que um ser falante assume no discurso.

Assim, importa menos a anatomia do que os destinos psíquicos e as escolhas subjetivas que advirão da marcação de cada um pelo desejo do Outro que o antecedeu, pois é a resposta do sujeito o que orienta nosso trabalho.

A contribuição da psicanálise, portanto, é a de lembrar que o Outro nos marca com algo que vai além das normas e que é da ordem do gozo (Leguil, 2016). Trata-se do objeto *a*, que opera como vestígio enigmático do Outro, a colonizar o corpo da criança com um modo de satisfação parcial, focalizado nas margens e bordas corporais, em suas zonas erógenas, oral, anal, escópica e invocante, tal como mostramos na primeira seção deste trabalho. É a partir desses objetos que o sujeito constituirá os traços de seu circuito pulsional, sem se reduzir ao comando das normas sociais.

Dessa forma, em seus arranjos normatizantes, que se pautam na forma completa e determinada de uma pessoa, o gênero parece constituir uma forma de encobrimento desse gozo que emerge como excesso, como sobra, como resto da constituição psíquica. Em decorrência disso, o gênero se erige em torno de um furo no real, o furo traumático do objeto *a* que se inscreve no corpo e que as normas do gênero tentam administrar, preservando

do gozo certa distância ou facilitando suas vias de escoamento. Assim, demarcando a “pequena diferença”, o gênero funciona como uma engrenagem social que tenta mediar o campo do gozo; o problema reside no sofrimento gerado por seu emprego normativo, a serviço da hegemonia heterossexual.

Mas, ainda que faça um semblante de saber sobre o sexo, o gênero não pode esgotar o real do sexual. Vale lembrar que não se trata aqui de um real original, anterior à lei ou pré-discursivo: antes, trata-se do fato de que a introdução do significante, que incide como causa de gozo, abre no corpo do ser falante um buraco que restará para sempre alheio às normas sociais. Nessa direção, o real se torna um resíduo da própria impossibilidade inerente ao campo simbólico de determinar por completo a experiência subjetiva. Isso na medida em que o significante transmite sua própria falha, um fracasso que é índice do real, ponto singular de desarmonia sobre o qual as normas de gênero não mais legislam.

Considerações finais

Acreditamos ter sido possível, aqui, lançar algumas hipóteses acerca do funcionamento das normas e dos arranjos de poder a partir de certos instrumentos psicanalíticos, numa interface entre

psicanálise e teoria *queer*, inspirada pelos trabalhos de Butler e Foucault sobre o gênero e a sexualidade. Afinal, se a “história do dispositivo de sexualidade, assim como se desenvolveu a partir da época clássica, pode valer como arqueologia da psicanálise” (Foucault, 1976/2015, p. 142), as formulações psicanalíticas terão grande valia para investigar as formas pelas quais o poder opera na modernidade ocidental.

Partindo dessa perspectiva, tentamos tensionar o cabedal teórico da psicanálise, em debate com as concepções de Butler, para extrapolar o mero uso clínico dos conceitos lacanianos, a fim de tentar explicitar o funcionamento dos arranjos coletivos do poder – mas também seus limites – nas formas modernas de subjetivação. Empreitada essa que segue os caminhos trilhados por Butler em suas leituras de Freud e Lacan. Por isso, apostamos que uma abordagem dialética entre esses dois campos, a psicanálise e a

teoria *queer*, pode vir a nos fornecer ferramentas conceituais valiosas para pôr à mostra as dinâmicas libidinais em que se enredam as relações de poder na sociedade ocidental.

Finalmente, nosso ponto de chegada provisório, que não encontra aqui o termo de sua investigação, foi articular que as normas de gênero, ao tentarem produzir uma relação programada e harmônica dentro da norma heterossexual, buscam velar o traumático da relação de cada um com seu próprio gozo, tamponando a perturbação do ser falante com a estranheza de seu corpo. Nessa medida, as coordenadas dos gêneros, fazendo semblante de um saber sobre o sexo inscrito na natureza, não dizem o bastante acerca do sujeito, e é nessa dimensão subjetiva situada mais além do gênero que a psicanálise lacaniana pode contribuir, a partir de sua abordagem do real.

Referências

- Butler, J. (1996/2009). Inversões sexuais. In I. C. F. Passos. (Org.), *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade* (pp. 91-108). Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (1990/2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (9ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caldas, H. (2013). A fala e a escrita da mulher que não existe. *Opção lacaniana online*, 10, 1-12. Recuperado de

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_10/A_fala_escrita_mulher_que_nao_existe.pdf

- Dean, T. (2000). *Beyond sexuality*. University of Chicago Press: Chicago & London.
- Foucault, M. (1976/2015). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (3ª ed.). São Paulo: Paz & Terra.
- Knudsen, P. P. P. da S. (2010). Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, 18(1), 161-170.
- Lacan, J. (1960/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1962-63/2005a). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1964/2008a). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1972-73/2008b). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1971/2009). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1971-72/2012). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1973-74/2016). *O Seminário, livro 21: os não-tolos vagueiam*. Salvador: Espaço Moebius.
- _____. (1974/2005b). O triunfo da religião. In J. Lacan. *O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos* (pp. 55-83). Rio de Janeiro: Zahar.
- Leguil, C. (2016). *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP Editora.
- Lima, V. M. & Vorcaro, A. M. R. (2017). O estranho como categoria política: psicanálise, teoria *queer* e as experiências de indeterminação. *Psicologia em estudo*, 22(3), 473-484. doi: <http://dx.doi.org/10.4025/psicolestud.v22i3.37026>
- Miller, J.-A. (1992/2011). *De la naturaleza de los semblantes: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós.
- Salih, S. (2012). *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Santiago, J. (2017). O *falasser* mais além do binário homem-mulher. In A. L. Santiago; C. de F. Cunha; C. Vidigal; J. Santiago; L. Neves & N. L. de Lima (orgs.). *Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas* (pp. 15-21). Belo Horizonte: Scriptum.
- Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. *Curinga*, 20, 27-39.

Sobre o autor

¹ *Vinícius Moreira Lima* | vmlima6@gmail.com | Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais | Bolsista de iniciação científica do PIBIC-CNPq.

Recebido em: 04/08/2017

Aceito em: 03/08/2018